

EXPOSIÇÃO

**ARTE NO PARANÁ: FASES ITINERANTE E
INFRA-ESTRUTURA**

(11 DE MAIO A 8 DE JULHO DE 1990)

CURITIBA/1991

INTRODUÇÃO

Uma exposição intitulada **ARTE NO PARANÁ: FASES ITINERANTE E INFRA-ESTRUTURA** foi realizada no Salão Nobre do Museu Paranaense, de 11 de maio a 08 de julho de 1990, sob a responsabilidade da Biblioteca do Museu Paranaense.

Como foi bem sucedida pelo seu tema relevante, pelos textos explicativos que a completaram e pelo local realizado (Salão Nobre), fato este comprovado pelo interesse de seus visitantes, procurou-se divulgá-la através do periódico "MÃO DUPLA".

Para contextualizar a exposição fez-se pesquisas, não exaustivas, porém procurou-se abordar um período que representa duas fases da arte paranaense significativas para sua história; enfatizou-se também o estilo arquitetônico do prédio ora ocupado pelo Museu Paranaense — **ART NOUVEAU**.

Quanto ao aspecto museológico (normas técnicas, apresentação, etc) deixou a exposição muito a desejar, porém, desculpável por ser realizada por bibliotecária e não museólogas.

O livro **Pintores da Paisagem Paranaense** foi o epicentro da exposição; 30 fotos deste livro foram expostas nos painéis, de obras de artistas das fases itinerante e infra-estrutura; nas vitrines foram apresentados periódicos e livros, abertos em páginas significativas à arte paranaense, desde as primeiras manifestações iconográficas até o momento da arte não documental (Arte pela Arte). Os painéis colocados na entrada da sala traziam textos e fotos explicativos da exposição.

Jean Baptiste Debret (fase itinerante) teve destaque especial, tanto na parte ilustrativa como na parte explicativa, pela sua importância na iconografia paranaense. No texto sobre os **Símbolos do Paraná**, novamente Debret foi citado, pois foi quem desenhou a primeira bandeira brasileira.

Parecerá estranho a quem estiver lendo esta explanação a inclusão de textos sobre os **Símbolos do Paraná**; explica-se mais adiante, porém para compreender melhor será necessário fazer uma visita ao prédio do Museu Paranaense e observar as suas decorações externas e internas, aliás, o objetivo principal desta exposição foi motivar a apreciação de seu estilo arquitetônico.

As decorações artísticas do prédio construído pelo Paço Municipal (posteriormente Paço da Liberdade) foram atribuídas a João Ghelfi, artista modesto que raramente assinava suas obras (outros nomes apareceram como supostos autores, porém, sem comprovação); os jornais de 1916 que noticiaram a inauguração do prédio mencionam João Ghelfi como autor da decoração artística da Prefeitura e, por esse motivo respeitado pela expositora como tal. O prédio foi construído de 1914 a 1916, portanto, dentro do período artístico da exposição, anterior à **Arte Moderna de 1922**.

Na entrada do prédio e na decoração das portas que dão acesso à entrada do Salão Nobre, estão gravados os **Símbolos Municipais**, motivo pelo qual

pesquisou-se a respeito, originando um estudo paralelo apresentado em forma de textos. Gratificante foi a descoberta do momento exato que o Município de Curitiba passou a ter o seu brasão, de autoria de Romário Martins (Projeto nº 17 de 28 de setembro de 1905); nos **Annaes da Câmara Municipal** de 1905 que menciona o projeto traz: "fica adaptado como insígnias do município o desenho anexo", porém, o desenho do brasão não foi publicado; a comprovação pode ser feita pelas **próprias páginas de rosto dos annaes** anteriores e posteriores a 1905, sendo que até esta data existia um único brasão como **símbolo** para o Estado do Paraná e o Município de Curitiba.

O texto sobre a **Grafia da capital Paranaense**, também um estudo paralelo, foi para justificar a grafia "Coritiba" existente nos símbolos municipais dos entalhes das portas internas do Museu Paranaense.

Um painel com fotos pertencentes à Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) mostraram os detalhes artísticos internos do Museu Paranaense e a biografia de João Ghelfi; outro painel com três fotos, sendo uma da porta principal e as outras duas dos Hércules que a ladeam.

Textos explicativos contendo histórico e as características, internas e externas do prédio estilo "Art-Nouveau" completaram este último painel.

Chama-se a atenção para o seguinte detalhe quanto à descrição interna no prédio: desde a sua inauguração as **colunas** existentes no seu interior foram classificadas como sendo de **estilo jônico**, quando na realidade trata-se de um estilo romano denominado "**ordem composta**" que é a junção de dois estilos — o **jônico** e o **coríntio**. Este esclarecimento representa a parte mais importante do texto sobre as características internas do prédio.

Todos os textos explicativos são publicados a seguir.

Para concluir esta introdução, um pensamento de Julio Estrella Moreira:

"NÃO ESCONDAS O TEU LIVRO, PORQUE O ESCREVESTES ENTÃO?"

JOÃO GHELFI: BIOGRAFIA

Nasceu em Curitiba em 1890, onde morreu em 1925. Estudou em Paris e, quando retornou a Curitiba, instalou uma tenda num velho atelier de fotógrafo, à Rua Marechal Deodoro, com todas as características dos costumes dos pintores franceses da época romântica. Esse local tornou-se o ponto de encontro de jovens intelectuais, pintores e jornalistas que resultou, em 1921 num movimento de arte moderna, anterior ao paulista (1922), amplamente divulgado pela imprensa. Segundo Laertes Munhoz em seu artigo **Alguns artistas paranaenses**, da Gazeta do Povo Especial de 1922, referindo-se a João Ghelfi: "Temos um retratista excelente que é João Ghelfi. A sua arte é luminosa. No desenho escoreito dos seus quadros há nobreza fidalga das velhas escolas florentinas". Para Ghelfi, pessoa de uma forte personalidade, simpático, sempre sorridente, a prática da arte era uma "Ventura"; era admirado nas rodas intelectuais e por todos que o cercavam, pela sua facilidade de comunicação e pelas boas anedotas que contava. Como pintor era apreciado pela sua firmeza, pelas linhas perfeitas, técnica perfeita que utilizava, enfim, pelo seu grande talento. O seu grande defeito era a modéstia, sendo um inimigo da publicidade. João Ghelfi era um apaixonado pela Arte. Atribui-se a ele a autoria das decorações do Prédio do Museu Paranaense.

1 MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS: SÉC. XIX E XX

O **Barroco** que surgiu na Europa no final do século XVI, teve seu auge no Brasil no séc. XVIII, ficou caracterizado pela generosidade e minuciosidade.

O **Neoclassicismo** foi provocado pelo racionalismo, após a Revolução Francesa; a arte retorna ao classicismo puro, que se denominou "neo-Clássica"; os artistas preocupavam-se em restaurar as artes clássicas greco-romanas da antiguidade, exagerando porém, no convencionalismo.

No Brasil, a célebre "Missão Artística Francesa" de 1816, vinda para fundar a Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, foi quem introduziu o neo-classicismo, tanto na arquitetura como na pintura. A Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro foi construída pelo Arquiteto francês Victor Granjean de Montigny; seu neto Jean Leon Pallière Granjean Ferreira veio para o Paraná, em 1858, onde radicou-se.

O célebre pintor Jean Baptiste Debret (1768-1848) fez parte da Missão Francesa; este retratou muito bem a vida carioca, aspectos históricos brasileiros durante o reinado de D. Pedro I. Debret pintou quadros e fez desenhos, em suas viagens pelo Brasil, de cenas relacionadas à flora, aos indígenas e à escravidão negra. A influência da Missão Francesa marcou de maneira irreversível as artes brasileiras, rompendo com a tradição barroca e aprimorando novas técnicas.

O **Romantismo** que seguiu o neoclassicismo, no qual predominavam os valores emocionais, vivacidade dos sentimentos nacionalistas e a valorização da natureza, foi um movimento muito difundido na Europa. O Brasil recebeu tardiamente a influência romântica. A literatura romântica no Brasil desenvolveu-se antes das artes, valorizando temas nacionais, em reação às preocupações formais dos neo-classicistas. Outra tendência estético-literária dessa época foi o SIMBOLISMO que prolongou-se até o séc. XX.

As artes plásticas no Brasil, especialmente a pintura, após a República, trouxeram a influência do Impressionismo, Realismo, Simbolismo e Art-Nouveau, numa época denominada na Europa "Belle Époque", perdurando até a SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS: SÉC. XIX e XX

1.1 REALISMO

A revolução industrial proporcionou um movimento artístico que denominou-se Realismo, com uma tendência de rompimento com o passado, onde o "Belo" é verdadeiro. A arquitetura dessa época caracterizou-se pelo "ecletismo estético". Dois movimentos importantes, no final do séc. XIX foram os precursores do racionalismo na arquitetura: **Artes e Ofícios** na Inglaterra e **Aplicação de Estruturas Metálicas**, pelos americanos, para a construção de arranha-céus. O primeiro movimento visava a conciliação da criação artística à produção industrial, com o objetivo de restaurar o artesanato; deste movimento surgiram — **Industrial Design** e **Art Nouveau**. Do segundo movimento surgiram prédios com ossatura metálica, concreto armado e vidro.

A "Belle Époque" como era chamada a época realista, destaca Paris como o centro mais requintado do mundo ocidental, dito civilizado.

1.2 IMPRESSIONISMO/SIMBOLISMO

O **Impressionismo** nas artes é **Simbolismo** na literatura, foi o maior movimento revolucionário ocorrido na pintura e nas letras no ocidente entre 1890 e 1910; adota nas artes nova visão plástica do mundo, com a introdução de novas técnicas de pintura, demonstrando uma perfeita coerência estilística encontrada nas concepções de arte realmente autênticas e inovadoras; originou-se do espírito científico do Realismo; na pintura os artistas procuravam transmitir as "impressões fugidias", o que captavam na primeira impressão, opondo-se ao racionalismo.

O **Simbolismo** foi o termo mais usado para a Literatura e o Impressionismo foi o termo mais utilizado para as artes plásticas; no final do século passado estiveram junto com o Realismo e Parnasianismo.

1.3 ART NOUVEAU

O estilo eclético da Belle Époque, o ART NOUVEAU descende do movimento **Artes e Ofícios** da Inglaterra que valorizava o trabalho artesanal, contra a "máquina" que começou a dominar no início do século XX; foi uma tendência artística essencialmente estética das artes aplicadas, atingindo principalmente a arquitetura; procurou esquivar-se das pressões do meio industrial.

2 ARTE NO PARANÁ E PATRIMÔNIO CULTURAL

Reportando-nos à realidade histórica dos acontecimentos artísticos paranaenses e evocando os seus personagens, os quais ao longo do tempo são responsáveis pela formação de um patrimônio artístico considerável, destaca-se as fases em que a Arte Paranaense foi subdividida:

— **PRÉ-HISTÓRIA:** Época pré-cabralina-cultura indígena (até 1500).

- 1) — **PROTO-HISTÓRIA:** Séc. XVI e XVII — reduções jesuíticas e vilas militares espanholas (destruídas pelos bandeirantes).
- 2) — **FASE ITINERANTE:** inicia com a Proto-História (séc. XVI até o final do séc. XIX).
- 3) — **INFRA-ESTRUTURA:** Período marcado pelo aparecimento de duas escolas de arte no Paraná — de Artes e Indústrias, fundada por Mariano de Lima, e a de Alfredo Andersen, o "Pai da Pintura Paranaense"; Características — **Objetivismo Visual e Movimento Paranista (1886-1940).**
- 4) — **RENOVAÇÃO:** período de 1930-1940; transição para o **Modernismo:** precursor Theodoro De Bonna.
- 5) — **MOVIMENTO DE INTEGRAÇÃO:** — Modernismo de 1940-1960; o Paraná incorpora-se à realidade nacional e internacional; introdutor foi Guido Viaro.
- 6) — **CONTEMPORANEIDADE:** de 1960 até nossos dias; vanguarda, principalmente após 1970; encontros de arte contribuem para que o Paraná se torne um centro de vanguarda.

2.1 FASE ITINERANTE

As fases da Pré-História e da Proto-História tem sido estudadas por antropólogos e arqueólogos.

A **Fase Itinerante** caracteriza-se pelos registros iconográficos, documentados por um grande número de artistas que viajaram pelos sertões paranaenses, registrando com desenhos ou pinturas as suas impressões dentre estes Hans Staden e Ulrich Schmidel (séc XVI) que registraram em xilografuras as primeiras paisagens paranaenses.

Subdivide-se a **Fase Itinerante** em **PIONEIROS E PRECURSORES.**

- **Pioneiros da Fase Itinerante:** nesta fase entre os pioneiros, denominados "artistas-viajantes", encontra-se o francês Jean Baptiste Debret, o qual foi o primeiro a produzir obras inspiradas em nossa terra. Outros nomes dessa fase: Julius Platzmann, Frederico Guilherme Virmond, John Henry Elliot, João Pedro — O Mulato, João Leão Pallière, os irmãos Joseph e Franz Keller.

2.2 FASE ITINERANTE: PIONEIROS

No século XVI Hans Staden e Ulrich Schmidel registraram as primeiras imagens paranaenses em livros ilustrados com xilogravuras.

Hans Staden foi quem fez o primeiro esboço da Baía de Paranaguá (1553). Outros nomes que desenharam o Paraná: Reverendo Fletcher, norte americano que veio ao Brasil em 1855, fez um croquis do ancoradouro da Ilha de Cotíngia; Thomaz Bigg-Whitter, fez gravuras de fauna e flora paranaenses; Julius Platzmann, desenhou a Ilha das Laranjeiras no Superagui. Outros nomes dessa fase:

Jean Baptiste Debret: Foi o primeiro pintor da paisagem paranaense (1768-1848). O roteiro seguido pelo artista-viajante é o do velho caminho das tropas até Curitiba (desde Itararé, na divisa de São Paulo), descendo para Paranaguá e Guaratuba, até alcançar o litoral norte de Santa Catarina (praticamente o mesmo roteiro de Saint-Hilaire).

Visitou não só localidades já importantes, como Castro, mas pequenos centros, como Jaguariá, Ponta Grossa e Palmeiras; da Lapa (Vila do Príncipe) pintou excelente vista geral da povoação.

João Henry Elliot: (1809-1884) pintor da velha Curitiba; pintou o retrato do Dr. João Maurício Faivre, mártir da colonização e um dos primeiros médicos do Brasil independente; ficou famoso sobretudo pela elaboração de mapas e roteiros dos locais que percorria. Na *Revista do Paraná* existe litografias suas de Curitiba (1855) e de São José dos Pinhais. As aquarelas originais estão perdidas. Pintou em 1845 o Salto dos Dourados, no Rio Paranapanema (aquarela).

João Pedro "O Mulato": Encontrados em Lisboa, em aquarela, desenhos datados de 1817, de Paranaguá e Curitiba, com assinaturas J. P. "O Mulato", natural de Curitiba. Suas obras haviam sido enviadas pelo Conde da Barca, juntamente com as obras de Debret para o gravador Pradier; fazia desenhos humorísticos, talvez os primeiros neste gênero feitos no Brasil. Sua vida representa um desafio à pesquisa.

João Leão Pallière (1823-1887): Neto do arquiteto francês Victor Granjean de Mintigni. Veio ao Paraná, após ter visitado a Bahia e Rio de Janeiro (1860). Lançou em 1864 um *Álbum de Cenas Americanas* com 52 litografias, apresentando apenas quatro vistas brasileiras, e dessas quatro, duas do Paraná — "Canoa do rio Paranaguá" e "Tropa carregada de mate descendo a Serra".

Joseph Keller — Juntamente com seu irmão Franz realizaram os melhores documentários iconográficos dos índios Kaióá e Kaingang. Escreveram relatórios sobre os rios Ivahy, Paranapanema e sobre o noroeste do Estado do Paraná.

- Frederico Guilherme Virmond (1792-1876):** Tudo indica que este foi o primeiro pintor a radicar-se no Paraná, vindo em 1833, pouco antes de John Elliot. Sua produção artística destacou-se pelas miniaturas sobre marfim, pelica e papel. Viveu 43 anos na Lapa, onde exerceu inúmeras atividades, além de pintar. Foi entomólogo apaixonado e, enviou à exposição-feira de Filadelfia, em 1867, um mostruário com 8.000 insetos classificados.
- Franz Keller (1835-1890):** Seus trabalhos foram perfeitos e constituem preciosos documentários iconográficos dos silvícolas brasileiros (Kaioá e Kaingang), dos quais J. H. Elliot foi o único outro iconógrafo. Todos os seus trabalhos contaram com a colaboração de seu irmão Joseph Keller. Desenharam e litografaram para a revista *Ilustração Brasileira*. Seu relatório *Noções sobre os indígenas da Província do Paraná* é uma preciosa fonte de estudos (os originais encontram-se no Arquivo Nacional).

2.3 FASE ITINERANTE: PRECURSORES

Os principais nomes dessa fase foram: Iria Correia, William Michaud, Gustavo Rubelsperger, Caroline Templin, William Lloyd, Hugo Calgan e Carlos Hunbenthal.

Iria Correia (1839-1887): Primeira pintora mulher do Paraná. Em suas obras encontram-se retratos, naturezas mortas, paisagens e composições. Em 1866 participou da Exposição Provincial do Paraná realizada em Curitiba, apresentando mais de uma dezena de obras em diferentes técnicas, óleo, aquarela, pastel, sépia e crayon. Pintou muitas obras até o final de sua vida, porém poucas chegaram até nossos dias. O Museu Paranaense possui uma de suas obras.

William Michaud (1829-1902): Suíço, veio para o Paraná em 1854 para o Superagui, onde casou-se com uma jovem caíçara; tinha conhecimento de desenho, pintura e geologia. O acervo pictórico deixado pelo pintor é considerável e de requintada qualidade; grande parte foi legada ao Museu de Vevey por suas irmãs e um conjunto numeroso foi enviado pelo artista ao Visconde de Taunay.

Gustavo Rumbelsperger (1817-1892): Substituiu o Dr. Faivre na direção da Colônia Thereza Cristina (decreto de 2 de abril de 1859). O Imperador nomeou-o naturalista-viajante do Museu Imperial, por decreto de 9 de fevereiro de 1889. Para a iconografia paranaense contribuiu com "Paisagens locais" (poucas obras conhecidas) e "Detalhes de animais e plantas" enviados para a Corte (mencionados em suas correspondências). Fez parte de missões científicas.

Caroline Templim: Em 1871 veio com o marido e os filhos para a Província do Paraná, atraídos pelo projeto de colonização do Assunguí. Primeiramente em Assunguí e depois em Curitiba, onde passou a dar aulas de inglês e desenho. Pintou vistas da Colônia Assunguí e, também, insetos, flores e frutos. A Casa da Memória possui um panorama de Curitiba tirado do alto São Francisco (doação do escritor Andrade Muricy).

William Lloyd (1822-1905): Pintou dez vistas do Paraná, entre elas a casa grande da Colônia Tereza e seu interior-sede do núcleo fundado pelo Dr. Faivre, uma vista de Curitiba, tomada do Alto São Francisco e, ainda, panorama de Antonina; todas essas pinturas foram vendidas em leilão em 1966 pela Casa Sotheby's. Publicou o livro *A Railways Pioneer*.

Hugo Calgan (D'Après): Pouco se sabe sobre esse pintor. Entre outras deixou vistas preciosas da capital paranaense logo após a visita do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Thereza Cristina; duas paisagens suas de Curitiba existem no Museu Paranaense.

Hübental, Carlos: Sem dados biográficos. O Museu Paranaense possui um quadro "panorama de Curitiba" (1888) em aquarela, 40x51cm.

2.4 FASE DA INFRA-ESTRUTURA

(Neo-Classicismo, Romantismo, Realismo e Impressionismo)

Período de 1886-1930: A infra-estrutura da arte paranaense foi marcada pelo aparecimento de duas importantes Escolas — a Escola de Artes e Indústrias, fundada em 1886, por Antonio Mariano de Lima e a de Alfredo Andersen o "Pai da Pintura Paranaense", que no início foi apenas a continuidade da Escola de Artes e Indústrias fundada por Mariano de Lima.

Principais nomes desse período (1886-1930) e que fizeram parte do MOVIMENTO PARANISTA:

Alfredo Emilio Andersen: (1860-1935): Cursou a Academia Real de Belas Artes de Copenhagen. Em 1893 radicou-se no Paraná, primeiro em Paranaguá e depois em Curitiba; foi o primeiro artista plástico estrangeiro a apresentar individuais em Curitiba. Em 1931 recebeu o Título de "Cidadão Honorário de Curitiba"; fez exposições em São Paulo e Rio de Janeiro. É considerado o "Pai da Pintura Paranaense", tendo influenciado uma geração de pintores. Dedicou-se à paisagem e ao retrato.

Benedito Antonio dos Santos (1877-): Estudou no Colégio Curitibano dirigido pelo professor Nivaldo Braga. Com uma bolsa de estudos remunerada ingressou na Escola de Belas Artes e Indústrias de Mariano Lima. Escreveu a bico-de-pena, em 1895, o jornal *O Paraná Ilustrado*, inteiramente manuscrito. Morreu sem deixar obras duradouras.

Estanislau Traple (1898-1958): Talentoso desenhista e pintor dedicou-se também ao ensino artístico. Aprendeu litografia com o alemão Phon, litógrafo da Imprensa Paranaense. Foi aluno de Alfredo Andersen, sendo um dos seus mais fiéis discípulos e seguidores; participou ativamente do movimento cultural curitibano.

João Ghelfi (1890 – 1925): Só admitia a arte num sentido universal; estudou em Paris e, quando retornou, promovia encontros de jovens intelectuais, pintores e jornalistas, o que resultou, em 1921, num **Movimento de Arte Moderna**, anterior ao paulista (1922), amplamente divulgado pela imprensa. As suas idéias de criação de um estilo arquitetônico-paranaense foram desenvolvidas pelo escultor João Turim e o pintor Lange de Morretes. Era muito estimado e respeitado pelos seus colegas. Não deixou grandes obras, porém o seu nome merece destaque entre os artistas paranaenses.

Frederico Lange de Morretes (1892 – 1954): Iniciou seus estudos da pintura com Alfredo Andersen. Viajou para a Europa em 1910, onde aprendeu pintura e escultura na Escola Superior de Belas Artes de Munique. Batalhou junto com Turim e Ghelfi por um estilo "paranista nas artes".

Outros alunos de Andersen: Gustavo Kopp (1891 – 1933), Waldemar Kurt Freysleben (1899 – 1970), Hermann Schiefelbein (1885 – 1933), Theodoro de Bonna e Maria Amélia Assumpção (1883 – 1955).

2.5 ARTISTAS NACIONAIS QUE REGISTRARAM O PARANÁ

Antonio Parreiras (1860 –): Nasceu em Niterói; sua ligação com o Paraná foi através da amizade com Rocha Pombo. Pintou as "Cataratas do Iguaçu", paisagem de caráter épico lendária.

Eugênio Latour (1874 – 1942): Nasceu no Rio de Janeiro; pintou a paisagem "Praça Tiradentes" destacando a catedral Metropolitana de Curitiba. Tela significativa por ter sido na Praça Tiradentes, em 4 de novembro de 1668, que Gabriel de Lara (Capitão-mor de Paranaguá), levantou o Pelourinho, símbolo de posse por "El-Rey" e onde se encontra o marco zero da cidade.

Paulo Vergueiro Lopes Leão (1889 – 1964): Nasceu em São Paulo; sua obra sobre o Paraná "Castro - Capão Alto", com temática histórica, retratou em 1920, uma das mais importantes fazendas do roteiro das tropas, situada a 17 km da cidade de Castro; esta fazenda pertenceu a Pedro Taques de Almeida e seus familiares.

Antonio Mariano de Lima (Portugal 1858; Manaus 1942): Exerceu grande influência artística no Paraná; estudou cenografia, pintura e escultura. Morava no Rio de Janeiro, quando, em 1882, foi contratado para decorar o Teatro São Teodoro em Curitiba, tarefa esta que concluiu em 1885. Para ficar morando em Curitiba criou, com o apoio do Governo paranaense a **Escola de Arte e Indústria do Paraná**, a segunda Escola de arte do País; permaneceu na direção da Escola 20 anos. Inúmeros foram os artistas paranaenses que iniciaram seus estudos nessa Escola, entre eles os escultores João Zaco Paraná e João Turim. O Projeto denominado "Casa de Cultura", recebeu medalha de ouro na **Exposição de Chicago** de 1900. Elogiados por uns e criticado por outros afasta-se da Escola e muda-se de Curitiba. A Escola fechou em 1906.

2.6 ESCULTORES PARANAENSES

Escultores que desenvolveram atividades na primeira metade do século XX:

João Ghelfi (1890 – 1925): Na escultura foi muito elogiado, pelos seus trabalhos arrojados que demonstravam grande habilidade e profundo conhecimento.

João Zaco Paraná (Polônia 1884; Rio de Janeiro 1961): um dos maiores vultos da escultura paranaense. O Paraná possui uma de suas obras de maior valor "O Semeador" na Praça Eufrásio Correia.

João Turim (1880-1949): Contemporâneo de João Ghelfi; estudou também em Paris e, quando voltou criou o "Estilo Paranista", estilizando o pinhão. Além do Paraná, o Rio de Janeiro possui muitas obras suas.

3. PAÇO MUNICIPAL – CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO

Os primeiros estudos para a construção de um prédio próprio para os dois poderes municipais, o Executivo e o Legislativo, foram feitos em 29 de novembro de 1912, a mando do Prefeito Joaquim Pereira de Macedo; pela lei nº 348, de 30 de novembro de 1912, publicada no DOE/PR (p. 227), no Art. 1.º a Câmara autoriza o Prefeito a emitir apólice até a importância de seiscentos contos de réis para a construção do Palácio Municipal.

Em julho de 1913, o Prefeito Cândido Ferreira de Abreu criou uma **Comissão de Melhoramentos de Curitiba** (nesta época escrita com o), de cujo trabalho resultou o Paço Municipal. Não se sabe quando foi decidido que a construção seria no local do antigo Mercado Municipal.

A concorrência pública para a construção do Palácio Municipal foi realizada no primeiro semestre de 1914. Em relatório enviado à Câmara pelo Prefeito, em 15 de janeiro de 1915, descreve o andamento das obras (Anais da Câmara 1915, p. 75).

Em relatório de 15 de outubro de 1915, o Prefeito descreve o final da

obra e quando seria inaugurado, prevendo para dia 19 de dezembro do mesmo ano, porém, a inauguração se deu em 1916. Em 15 de janeiro de 1916 instalou-se a Câmara no novo prédio e a inauguração oficial da Prefeitura deu-se em 24 de fevereiro, último ato público do Presidente Carlos Cavalcanti e do prefeito Cândido Ferreira de Abreu.

O *Diário da Tarde* de 17 e 18 de janeiro de 1916, relata a inauguração do novo PALÁCIO MUNICIPAL, descrevendo-o tanto externamente como internamente.

Pela Lei nº 2 de 3 de fevereiro de 1948, publicada no DOE/PR em 13 de fevereiro (nº 288, p. 5), passou a denominar-se PAÇO DA LIBERDADE. Pela lei nº 81 de 10 de julho de 1948, publicada no DOE/PR em 19 de julho (nº 117, p.3), o prédio da Prefeitura foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico de Curitiba. O tombamento do prédio a nível estadual deu-se em 1966, conforme inscrição nº 6 do Livro Tombo Histórico do Estado.

Durante 53 anos o prédio da Praça Generoso Marques foi sede da Prefeitura Municipal, quando em 14 de novembro de 1969, na gestão do Prefeito Omar Sabbag, foi transferida para o PALÁCIO 29 DE MARÇO, no Centro Cívico. Em 18 de outubro de 1984, o prédio foi tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.

4 PAÇO DA LIBERDADE – DADOS GERAIS

Segundo o jornal *Diário da Tarde* de 18 de janeiro de 1916:

“A construção do paço Municipal obedeceu à mais rigorosa economia, sendo todos os serviços executados por concorrência pública e particular. O seu custo até 31 de dezembro findo havia atingido à importante cifra de 226 contos de réis, sendo que a importância total da construção não excederá a 270 contos. Convém salientar que a somma dispendida com a construção do magestoso Paço, foi proveniente dos juros do capital depositado nos Bancos, do empréstimo adquirido para os melhoramentos municipais”.

Em outro tópico:

“Os trabalhos de marcenaria foram executados nas oficinas dos senhores Maderna & Bonne. A escultura e ornamentação foi feita pelo distinto architecto modelador Sr. Roberto Lacombe. A cantaria foi toda trabalhada por artistas portuguezes e italianos. As pinturas foram executadas pelos Srs. J. Ortolani e João Ghelfi, sendo que a este se devem as grandes decorações.

Os trabalhos de estuque e fingimento são de artistas vindos de São Paulo. A direcção dos trabalhos esteve a cargo dos architectos construtores srs. Angelo Bottechia e André Petrelli e fiscalização foi feita pelo nosso conterrâneo sr. Eduardo Chaves. A superintendência d

todos os trabalhos nunca foi descurada pelos srs. prefeito municipal dr. Candido de Abreu e engenheiro chefe de obras municipais, dr. Adriano Goulin, que diariamente acompanhavam os serviços de forma a que ficasse bem feita essa obra admirável que tanto honra o povo Curitiba".

No dia 14 de novembro de 1964 a Prefeitura Municipal mudou-se para o Palácio 29 de Março, no Centro Cívico e o prédio da Praça Generoso Marques foi ocupado até outubro de 1970 pelo Projeto Rondon. No mesmo ano foi iniciada a sua restauração pela firma Irmãos Meneghetti, com verba da FUNDEPAR e fiscalização do Departamento de Obras do Estado, porém as obras foram interrompidas em março de 1971; os dirigentes do Museu fizeram o projeto para a distribuição interna das seções e para o reinício das obras de restauração que ficaram a cargo do Arquiteto Abrão Assad, o qual reestruturou e completou os trabalhos, fornecendo um lay-out completo de suas dependências. Concluídas as obras de restauro, em 1973, o prédio passou a ser ocupado pelo Museu Paranaense, tendo sido a inauguração oficial em 16 de janeiro de 1974.

5 ARQUITETURA ART-NOUVEAU: PRÉDIO DO MUSEU PARANAENSE

A base do edifício é um retângulo: nos dois lados menores erguem-se duas fachadas, tendo a principal o destaque de uma torre quadrada; a construção é de alvenaria de tijolos.

O prédio estilo Art-Nouveau pertencente à Prefeitura Municipal de Curitiba foi construído em 1916. Em 1974 passou a ser ocupado pelo Museu Paranaense. A arquitetura eclética é rica pelos trabalhos ornamentais tanto externos como internos.

5.1 CARACTERÍSTICAS EXTERNAS

Detalhes "Art-Nouveau" de portas, janelas e marquises, cuja predominância são as grades sinuosas, estilo "golpe de chicote" e curvas florais. Ao redor do prédio a decoração é um misto dos estilos clássico e barroco, com figuras mitológicas, mascarões, peixes, leões, enfeites lírios, volutas, mísulas e cornijas.

A descrição minuciosa dos detalhes artísticos poderá ser objeto de uma pesquisa científica de arquitetura, pois até o momento ainda não apareceu um trabalho completo sobre a decoração do prédio.

Um dos objetivos da presente exposição é destacar os símbolos existentes no Prédio do Museu Paranaense entre eles:

A parte frontal do prédio traz dois Hércules (um com barba e outro sem barba) monumentais que representam os **Poderes Executivo e Legislativo do Município**; estes sustentam uma estátua feminina sentada, vestida com túnica (peblu), com uma tocha na mão, que representa a cidade de Curitiba e a grandiosidade de seu povo.

No frontão da porta de entrada, em baixo relevo, os Símbolos do Município de Curitiba (Ver textos sobre os Símbolos Municipais).

Na torre um relógio elétrico com 3 faces (outrora à corda) que a noite é iluminado. Completa a torre uma redoma de vidro que também é iluminada à noite.

Os trabalhos de cantaria são verdadeiras obras de arte, executados por artistas italianos e portugueses vindos de São Paulo, no início do século e que receberam o auxílio também, de artistas paranaense.

ARQUITETURA ART-NOUVEAU: PRÉDIO DO MUSEU PARANAENSE

O espetáculo de beleza arquitetônica do Prédio torna-se ainda maior ao depararmos com as decorações ornamentais internas.

5.2 CARACTERÍSTICAS INTERNAS

Imensas colunas em granito lavrado com capitéis estilo "ordem Composta", resultado da junção de elementos jônicos e coríntios, no vestibulo; duas colunas semelhantes, porém lisa e de cor clara existem no 3º andar, com capitéis, também em estilo "ordem Composta", circundadas por filetes de guirlandas; este festões circundam as paredes do saguão que dá acesso às salas. Os corrimões das escadas têm arremates entalhados em forma eólica e desenhos florais.

As portas internas são ladeadas por pilastras caneladas e suas arquitraves são ricamente entalhadas e diferentes nos diversos andares e salas; os entalhes das arquitraves das portas do auditório (1º andar) e Salão Nobre (3º andar) levam o brasão do Município de Curitiba (ver texto sobre Símbolos do Paraná); no 3º andar tem os seguintes arremates: na parte superior a coroa mural em goles, que significa a Capital (1º grandeza) e na parte inferior, um listel de frutas (maçãs, uvas, pinhões), no lugar que deveria estar a data da fundação de Curitiba; um Brasão do Município de Curitiba situa-se entre dois semi-arcos arrematados por uma flor silvestre; a inscrição "Coritiba" situa-se entre o pinheiro central do Brasão e o listel de frutas.

Os ornamentos das arquitraves das outras salas são os mais variados: conchas barrocas, flores, mariposas e outros; as pilastras das portas são caneladas e quase todas encimadas por mísulas.

Adentrando no Salão Nobre deparamos com outro espetáculo: o teto

é dividido em vários retângulos em saliências em gesso, decoradas com filetes dourados e desenhos; na maioria desses retângulos existem pinturas de rara beleza, representando figuras mitológicas e ninfas. Estas de acordo com as lendas, "Personificam as forças naturais que presidiam a fecundidade e ao crescimento, tanto no reino vegetal, como no reino animal; sob a sua proteção estavam todos os produtos da terra e os próprios animais e homens".

Essas pinturas foram coladas nesses retângulos e atribui-se a autoria a JOÃO GHELFI e J. ORTOLLANI. O bucolismo e a beleza do Prédio do Museu Paranaense encantam todos os seus visitantes.

ANEXO 1

SÍMBOLOS DO PARANÁ

A ciência que estuda os brasões é a HERÁLDICA.

O primeiro desenhista da bandeira brasileira foi Jean Baptista Debret, um dos fundadores da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Com a criação da Província do Paraná, pela lei imperial nº 704, a Bandeira Nacional passou a ter 20 estrelas. Com a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, pelo decreto nº 4 de 19 de novembro a Bandeira Imperial foi substituída pela Bandeira Nacional, contendo 21 estrelas, sendo 20 representativas dos Estados e uma do Município neutro (Distrito Federal), sendo o escudo imperial substituído pela esfera azul celeste atravessada por uma faixa branca com a legenda "Ordem e Progresso", pontuada pelas 21 estrelas. As armas nacionais foram criadas pelo mesmo ato e tinham a legenda "República dos Estados Unidos do Brasil — 15 de novembro de 1889". A Bandeira Nacional recebia outras estrelas quando novos estados eram criados; as armas nacionais passavam a ter a legenda "República Federativa do Brasil".

Em 9 de janeiro de 1892, pelo decreto Estadual nº 8, foi adotada a bandeira do Estado do Paraná, por uma Junta Governativa, porém ainda sem definição do escudo, para o qual muitos projetos foram feitos: nº 54 de 8 de março de 1902, do Deputado Cândido Ferreira de Abreu, passou a constituir Lei, com o nº 456 de 29 de março de 1902; projeto nº 37 de 16 de março de 1905 do Deputado Alfredo Romário Martins, para modificar a bandeira e as armas do Estado — aprovado pela Lei nº 592 de 24 de março de 1905, sendo adotado no brasão "dois ramos de mate e pinheiro sendo de cor branca a irradiação que faz fundo ao escudo", na faixa zodiacal o toponimo PARANÁ.

Na ata da sessão da Câmara Municipal de 28 de setembro de 1905, foi aprovado o Projeto nº 17 do camarista Alfredo Romário Martins para adoção das insígnias do município, sendo o mesmo aprovado: "Art. Único — fica adaptado como insígnias do município o desenho anexo". Esse projeto foi confirmado pela lei nº 150 de 10 de outubro de 1905.

* O referido desenho não faz parte do projeto e nem na lei publicada. Comprova-se a mudança com a página de rosto dos Annaes da Câmara anteriores a 1905 e posteriores a 1905.

ANEXO 2

A - GRAFIA DA CAPITAL PARANAENSE

CURY – pinhão, árvore do pinhão, pinheiro:

TYBA – muito, abundância (origem indígena)

CURYTYBA; CORITIBA; CURITYBA; **CURITIBA**

Inúmeros são os estudos sobre a grafia da capital paranaense sem nenhuma conclusão final; as grafias mais utilizadas foram as que descrevemos acima.

Partindo do pressuposto que as variações sofridas foram motivadas pela diversidade de grafia que aparecia nos documentos oficiais antigos, muitas vezes escritos por estrangeiros, principalmente portugueses que trocavam o u pelo o, relacionamos a seguir, em ordem cronológica a grafia das primeiras **Leis, Decretos e Regulamentos**, a partir da Emancipação Política do Paraná e a grafia utilizada nas diversas **Constituições Estaduais**:

LEI nº 704 de 29 de agosto de 1853 – CORITIBA

LEI ESTADUAL nº 1 de 26 de julho de 1854 – CURITYBA

LEI ESTADUAL nº 2 de 27 de julho de 1854 – CURYTIBA

CONSTITUIÇÃO ESTADUAL DE 4 de julho de 1891 (1ª) – CURYTIBA

CONSTITUIÇÃO ESTADUAL DE 7 de abril de 1892 (2ª) – CORYTIBA

CONSTITUIÇÃO ESTADUAL DE 30 de março de 1927 (3ª) –

CONSTITUIÇÃO ESTADUAL DE 16 de maio de 1935 (4ª) – CURITYBA

(segue o Decreto nº 1.126 de 23 de julho de 1919)

DECRETO nº 1.126 de 23/7/1919 – a grafia determinada...

“seja adaptada a graphia **CURITYBA**” (igual à Constituição de 16/5/1935)

Deduz-se que o Y caiu em desuso devido à reforma ortográfica brasileira de 1943.

No Projeto nº 29 de 4 de março de 1910, novamente pelo deputado Alfredo Romário Martins, foi proposto um novo brasão de armas para o Estado, que resultou na lei nº 904. Nessa lei o escudo paranaense leva como timbre um Falcão (*Spizaetus ornatus-gravião* de penacho, Apacamin), com a cabeça e a crista negras, peito marrom e cauda longa bandadas por linhas cinzentas, tendo a cabeça voltada para a direita do brasão; traz o escudo um ceifador armado com alfange, cortando vegetais, a orla de pinheiros, a cordilheira marítima, o sol nascente, os ramos de mate e pinho e o timbre; unindo os ramos de pinheiro e mate a legenda "Estado do Paraná 19 de dezembro de 1853".

Este brasão originou o que atualmente vigora.

Pela lei nº 2.182 de 15 de março de 1923, o pavilhão nacional é modificado, porém, o escudo de armas continuou o mesmo.

Pela Constituição Estadual de 16 de maio de 1935 foram adotados no Paraná a bandeira, o hino, o escudo e as armas nacionais, preconizando a idéia do Governo Federal.

Pelo Decreto lei nº 2457 de 31 de março de 1947, é restabelecida a bandeira, o escudo e o hino do Estado; o escudo de armas conservou algumas características do adotado em 1910. A Constituição Estadual de 12 de julho de 1947 oficializou os símbolos estabelecidos no referido decreto-lei.

Pela lei nº 3 de 3 de fevereiro de 1948 (DOE/PR nº 288, p.5, em 13 de fevereiro de 1948) a Câmara Municipal de Curitiba decretou: "Art. 1º Ficam restabelecidos os símbolos do Município de Curitiba, vigorantes até 10 de novembro de 1927 - § Único - São considerados símbolos do Município de Curitiba, a sua bandeira, o seu selo e as armas - Art. 2º Revogam as disposições em contrário."

Em 11 de maio de 1967, pela Lei Municipal nº 2993 foram determinadas as normas para os símbolos Municipais (Ver texto da Lei). A referida lei foi sancionada pelo então Prefeito Omar Sabbag.

Em 29 de setembro de 1981, foi estabelecida pela Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, uma Comissão para estudar os Símbolos Estaduais. Em 21 de novembro de 1984, pela lei nº 7957, assinada pelo Governador José Richa, foi estabelecida a Ave-Símbolo do Paraná a Galha Azul.

ENCARTE 1





ENCARTE 3



BRASÃO MUNICIPAL DE CURITIBA
(da Lei Municipal nº 2993 de 11/05/1967):

Art. 19 – O Brasão do Município de Curitiba, será um escudo clássico flamengo - ibérico, encimado pela coroa mural que a classifica com a 1ª grandeza (Capital), da quais apenas cinco, são visíveis em perspectiva, representada pela cor do metal ouro. Em campo de goles, um pinheiro de prata, posto em abismo. Como suporte à dextra, hastes de trigo ao natural e a sinistra um ramo de pâmpanos, também ao natural, entrecruzados em ponta sobre os quais se sobrepõe um listel de goles, contendo em letras de prata a data de "29 de março de 1693, fundação da Vila de Curitiba".

§ Único – O Brasão em conformidade à heráldica, deverá em qualquer reprodução ter sete módulos por oito de altura tomados do escudo.



Art. 20 — O Brasão será reproduzido em clichês para timbrar a documentação oficial do Município de Curitiba com a representação icnográfica das cores, em conformidade com a Convenção Internacional, quando for a impressão feita a uma só cor e a observância das cores heráldicas, no caso da impressão ser feita em policromia.

Art. 22 — A critério dos Poderes Municipais, poderá ser instituída a "Ordem Municipal do Brasão", para comenda àqueles que de algum modo tenham merecido e justificado a honraria outorgada.

§ Único — Será a comenda constituída por medalha do Brasão, esmaltada em cores, ou fundidas em metal - ouro ou prata, ficada em lapela com as cores municipais, acompanhadas de Diploma de Ordem.

Art. 23 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogada a Lei nº 2.138, de 2 de maio de 1962.

PAÇO DA LIBERDADE, em 11 de maio de 1967.

OSMAR SABBAG
PREFEITO MUNICIPAL

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA PRADO, J. F. & CARNEIRO, Newton. J. B. Debret: quarenta paisagens inéditas do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. São Paulo: Nacional, 1960. 64 p.
2. BATTISTON FILHO, Dufflo. Pequena história da arte. Campinas: Papitus, 1989. 155 p.
3. CARNEIRO, Newton. A arte paranaense antes de Andersen. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba, v. 7, nº 43, set 1980.
4. ----- **Iconografia Paranaense: anterior à fotografia**. Curitiba: Impressora Paranaense, 1950. 39p. + 31 grav.
5. DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, A. 17, nº 5.299, 17 de jan. 1916 p. 1
6. ----- Curitiba, A. 17, nº 5.300, 18 de jan. 1916 p. 1
7. DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, A. 20, nº 3.665, 1º de out., 1967 cad. 3, p. 3.
8. ENCICLOPÉDIA SIMBÓLICA MUNICIPALISTA PARANAENSE. Curitiba: ESIMPAR, v. 1, 1986.
9. O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, A. 31, nº 9.164, 22 de nov. 1981 p. 9.
10. FOLHA DE LONDRINA. Londrina, A. 25, nº 6.162, 6 de ago. 1977 cad. 2 p. 7.
11. GAZETA DO POVO. Curitiba, A. 50, nº 15.490, 16 de nov., 1969. p. 1
12. HARTMANN, Theka. A contribuição iconográfica para o conhecimento dos índios brasileiros do séc. XIX. **Coleção do Museu Paulista Etnologia**. São Paulo, v. 1, p. 1-229, 1976.
13. PARANÁ. ANNAES DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURYTIBA. Sessões de 22 de setembro de 1905 a 11 de julho de 1906. Curytiba: Typografia d'A República, 1906.
14. ----- Sessões de 15 de setembro de 1914 a 29 de julho de 1915. Curitiba: d'A República, 1915.
15. PARANÁ. LEIS, DECRETOS E ACTOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURYTIBA: 1902-1906. Curytyba: Adolpho Guimarães, (1906) 224 p. + 18p. índice.
16. PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte. **Pintores e paisagem paranaense**. Curitiba: SECE, 1982. 220 p. (Introdução de Newton Carneiro).
17. PESQUISAS DE CONHECER: Cultura e Arte. Milão: Fratelli Fabiani, 1988. v.7.
18. REFERÊNCIA EM PLANEJAMENTO: Arte no Paraná I. Curitiba, v. 1, n. 2 jan/mar. 1980.
19. STRAUBE, Fernando C. Sobre a Ave-Símbolo e a Ave do Brasão de Armas do Estado do Paraná. **Boletim do Arquivo do Paraná**. Curitiba, v. 14, nº 25, p. 7-12, 1989.

20. STRAUBE, Ernani C. **Símbolos do Paraná: evolução histórica 1853-1984.** Curitiba: Imprensa Oficial, 1987. 67 p.
21. **TRADIÇÃO E RUPTURA: síntese de arte.** São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1985. 308 p. (catálogo).
22. VELLOSO, Fernando. Os precursores das artes plásticas no Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento.** Curitiba, v. 12, p. 35-51, maio/jun. 1969.
23. WOODFORD, Susan. **Grécia e Roma.** São Paulo: Círculo do Livro, (1982?). 120 p.

Governador do Estado do Paraná

Roberto Requião

Secretária de Estado da Cultura

Gilda Poli Rocha Loures

Chefe do Sistema Estadual de Museus

Vicente Jair Mendes

Diretor do Museu Paranaense

Maury Rodrigues da Cruz

Realizada pela BIBLIOTECA DO MUSEU PARANAENSE

Pesquisa, realização e textos:

Helena de Fellipo Soares

Bibliotecária-CRB-9/436

Fotógrafo: Rogério Kiffury

Colaboradores da Exposição:

Denise Hass, Izaura Correa

Vasconcelos, Geovani Cunico

Realização do periódico "MÃO DUPLA"

Coordenadoria de Desenho Gráfico

Arte Final: Ivane Angélica

Revisão Final: Amilton P. de Oliveira